Nº 01 • 8 de Janeiro de !993 • 000$00

VISÃO

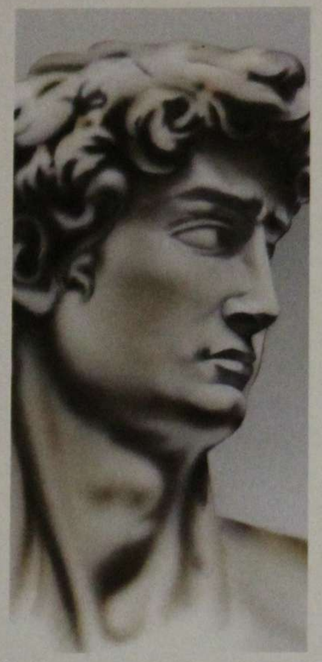
TVI

A CRUZ DOS CIFRÕES

ALEMANHA ..... 0.00 DM BRASIL ..... 00$00 CANADÁ ..... 00$00 ESPANHA ..... 000 Pta FRANÇA ..... 00 FF GRÃ-BRETANHA ..... 0.00 £ MOÇAMBIQUE ..... 00 Met SUIÇA ..... 00 FS
ANGOLA ..... 00 Kz BÉLGICA ..... 00 FB CABO VERDE ..... 00 Esc EUA ..... 00$00 GUINÉ-BISSAU ..... 000 Esc LUXEMBURGO ..... 00 FL SÃO TOMÉ ..... 000 Esc VENEZUELA ..... 00 Bol

Estabilidade

Inteligência



Dinâmica

Porque a Qualidade é uma Arte
Secil.

Tecnologia e capacidade para manter um crescimento sustentado são vantagens estratégicas que a SECIL desde sempre tem orientado à satisfação dos seus Clientes. A excelência dos seus quadros de pessoal e processos de fabrico permitem que a SECIL e as suas Associadas atinjam elevado grau de qualidade nos produtos e mercados em que operam: da exploração de britas à produção e distribuição de cimento, do fabrico e comercialização de betão pronto aos novos produtos para a construção civil. É por isso que, com estabilidade, inteligência e dinâmica, a SECIL e os seus Clientes fazem do futuro uma aposta para ganhar.

Cimento de Qualidade
Produtos de Prestígio

Mais Blade Runner

Está a chegar o verdadeiro «Blade Runner/Perigo Iminente» de Ridley Scott, na linha do restaura e torna a dar cada vez mais frequente no cinema

TERESA CARMO

Dois mil e tal: Los Angeles na versão Scott

Quem «inventou» mais este balão de oxigénio para a indústria cinematográfica devia ganhar um Oscar. Regularmente, a indústria encontra formas de rentabilizar duas vezes o mesmo produto. Surgem as versões nunca vistas e tidas como verdadeiras, que na altura da estreia foram sacrificadas em nome de imperativos comerciais. Já tivemos direito às versões restauradas e acrescentadas de «Lawrence da Arábia», de «1900» e do velho «Atalante», além da reposição mundial de «Casablanca», 50 anos cumpridos sobre a sua estreia.

Mas o acontecimento mais espectacular do ano é o relançamento de «Blade Runner», dez anos depois, na versão desejada por Ridley Scott, isto é, expurgada de todos os «retoques» impostos na altura por produtores e distribuidores.

Nada disso impediu que se tornasse num dos mais emblemáticos filmes–culto dos anos oitenta. Só que as características desta ressurreição são tão especiais como as circunstâncias da rodagem de «Blade Runner».

Inédito é o facto de a versão assumida pelo realizador ter menos material que a estreada pelos produtores. Scott retirou pelo menos dois dos seus mais carismáticos elementos: a narração em «off» por Harrison Ford, hipnótica ou soporífera — a adjectivação varia consoante o fanatismo — e a abertura do filme (o grande plano na íris azul–gélido de Rutger Hauer). Também foram alterações de monta o restauro de sequências não aproveitadas na montagem final e, sobretudo, a susbtituição do disparatado «happy end», em que Harrison Ford arrancava com Sean Young para uma bizarra felicidade eterna — com planos avulsos retirados às sobras do «Shining» de Kubrick, refira–se—, por um final muito mais dentro do espírito de poesia e pesadelo do resto do filme. As raízes desta vingança servida muito fria por Scott (o filme já está a bater recordes de bilheteira nos EUA) remontam ao lote de complicações que agoiraram este projecto desde o início, às quais o próprio acrescentou mais alguma sarna para se coçar.

A segunda versão' surje como uma espécie de vingança do realizador

Vindo da publicidade inglesa, onde se distinguiu pelos fabulosos filmes da Chanel, Scott é um obcecado pela perfeição sem olhar a custos. Foi assim que inchou alegremente um orçamento de 13 para 20 milhões de dólares. Ou porque gastou 250 mil dólares em efeitos especiais, numa cena que cortou porque afinal «não ficou bem como pensava», ou porque obrigava Sean Young a repetir 26 vezes a mesma frase, ou porque chegava ao «plateau» e mandava desfazer dias inteiros de trabalho porque o cenário ficava mais bonito assim ou assado.

Além destes problemas, houve a irritação de Vangelis, responsável pela banda sonora, que decidiu não a editar porque tinha mais emendas que trabalho original, o facto de Harrison Ford e Sean Young não se poderem ver e de Philipp K. Dick, o autor da novela que Blade Runner adapta («Do Androids Dream About Electric Sheep?») morrer a quatro meses da estreia. Na verdade, esta operação plástica arrisca-se a ser tão radical como foi a estreia, mesmo amputada, do Blade Runner de 82. Em plena era–Spielberg, instaurou a tensão e a angústia como tom nas grandes cidades, tal como dividiu as águas no universo dos filmes de ficção científica, tornando–se uma referência incontornável para o universo «cyborg», com cidades do futuro de dimensão apocalíptica algures entre a vanguarda japonesa e a estética do húmido–nublado.

Hoje, o filme ressurge num mundo que já conhece alguma da aparelhagem que então era futurista, em que uma corrente estética como o «cyberpunk» invadiu até a literatura e onde a manipulação genética se tornou assunto de discussão pública. O final novo de Scott não nos deixa aliviados, como o outro.

Pelo contrário, intensifica o sentido de uma vida moderna à beira do abismo, onde ninguém tem a chave das certezas e se percebe que as geografias cada vez mais extravagantes estão longe de ser sinónimas de felicidade. A única certeza é a saída de «Blade Runner» do limbo obscuro do «culto» para o previsível reconhecimento em massa. Além de uma outra, muito velhinha: em Portugal só o vamos ver meses depois do resto do mundo.

A estreia prevê-se para os primeiros meses do ano. Temos pressa. V